

ANCIÃOS E DIÁCONOS BÍBLICOS



NEHEMIAH COXE (*morreu* 1688)

ANCIÃOS E DIÁCONOS BÍBLICOS

Sumário

Prefácio.....	3
I. Exposição.....	8
A. Geral: Ordenar as Coisas que Estão Faltando.....	8
B. Específica: Nomeação de Presbíteros (ou Anciãos) em cada Cidade.	9
C. O Caráter Daqueles que Deveriam “pôr em ordem”.	10
II. Nomeação de Diáconos.	12
A. A Nomeação de Diáconos na igreja de Jerusalém.....	12
B. Para Aqueles que são Ordenados ao Ofício de Diácono.....	14
C. Para a Congregação que os Chamou para este Ofício.	15
III. Nomeação de Anciãos.	16
A. A Continuação dos Anciãos.....	16
B. Bispos, Presbíteros, Anciãos, Pastores e Professores.....	17
C. As Qualificações Exigidas da Pessoa que Realiza este Ofício.....	18
D. As Funções de um Ancião.	20
2. Os Deveres Privados.....	24
IV. O Dever de Um Pastor para com Seu Povo.	25
A. Um Ministro de Cristo ao Povo.....	26
B. O Cuidado e Encargo de Almas.....	27
V. O Dever das Pessoas em Relação aos seus Pastores.	27
A. Os Deveres da Congregação.	28
B. Como a Congregação pode Incentivar o Pastor.....	33
VI. Conclusão.....	35

Traduzido do original em Inglês *Biblical Elders and Deacons* por Nehemiah Coxé.
Via: ChapelLibrary.org © Chapel Library

Tradução e revisão por William Teixeira e Camila Almeida
Capa por William Teixeira. Algumas notas de rodapé foram adicionadas pelo tradutor, William Teixeira.

2ª Edição: Novembro de 2015

Salvo indicações em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão de Chapel Library (ChapelLibrary.org), um ministério de Mount Zion Bible Church, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

CHAPEL LIBRARY
www.ChapelLibrary.org

ANCIÃOS E DIÁCONOS BÍBLICOS

Prefácio

Nehemiah Coxe era o filho do líder pioneiro Batista Particular¹ Benjamin Coxe². Assim como seu pai, Nehemiah Coxe deixou-nos um preciosíssimo legado espiritual e teológico, em especial para os Batistas Confessionais, apesar de ser praticamente desconhecido em nos-so meio. A

¹ Batista Particular: Crentes Batistas que sustentam a visão bíblica da Expição Particular. Isto é, que Cristo morreu pelos Seus eleitos, os escolhidos para a salvação, e que a Sua morte por eles foi eficaz para realmente remir os seus pecados (Mateus 1:21; João 10:1-30; Hebreus 10:14).

“Cristo não morreu por todos os homens, antes a redenção eterna que Cristo obteve pelo derramamento do Seu sangue (Levítico 17:11; Mateus 1:21; 20:28; João 10:11, 15; Romanos 8:30; Apocalipse 5:9) é especial e particular, isto é, foi projetada intencionalmente apenas para os eleitos de Deus, as ovelhas de Cristo, aqueles que foram dados pelo Pai a Ele antes da fundação do mundo, no Pacto da Graça, pois somente estes compartilham as bênçãos especiais e peculiares da mesma (João 17:6-10)... Sustentamos firmemente que não há falhas ou incertezas na expiação que Cristo consumou (Isaías 46:10; João 10:11, 14-15; 19:30: ‘Está consumado!’). Deus não permitirá que este valiosíssimo e preciosíssimo sacrifício Divino falhe no cumprimento daquilo que ele foi projetado para efetuar. Nem uma gota do santo sangue foi derramado em vão; o Senhor Jesus certamente verá o fruto de todo o trabalho da sua alma, e ficará satisfeito (Isaías 53:11). A morte substitutiva, expiatória e propiciatória de Cristo Jesus é tão infinitamente valiosa e perfeitamente eficaz que se Ele houvesse morrido por todos os homens, certamente, todos os homens seriam salvos” (Declaração de Fé EC, Capítulo XI — A EXPIÇÃO PARTICULAR).

² Benjamin Coxe foi educado em Oxford ou Cambridge. Depois que se formou, ele recebeu a ordenação episcopal, e por um período considerável ele foi um seguidor do Arminianismo Romanista do Arcebispo Laud. Pela graça de Deus, seu coração foi mudado e sua mente iluminada, e ele se tornou um Batista firme. Ele era o filho de um lorde, bispo Inglês; e ele era um homem de profunda erudição. Sua influência em favor dos Batistas foi muito grande por todo o país. Ele veio para Coventry para encorajar a igreja Batista; Richard Baxter era, então, capelão da guarnição dessa cidade, e uma “disputa, primeiro de boca, em seguida, por escrito, sobre o batismo infantil”, ocorreu entre eles. O sr. Baxter, evidentemente, não tinha a melhor porção na controvérsia; pois quando o campeão dos Batistas veio novamente para Coventry ele foi preso, e o sr. Baxter foi acusado de ser o responsável por usar este conclusivo argumento para aquietar o sr. Coxe. O bispo de Kidderminster, enquanto negava esta acusação, sentiu que tal acusação era tão grave que tomou medidas para garantir a sua libertação. Ele já era um homem velho em 1644 (época em que foi formulada a Primeira Confissão de Fé Batista de Londres), mas a data de sua morte é desconhecida (William Cathcart’s *Baptist Encyclopedia*, 1881 • Via: ReformedReader.org).

obra, escritos e frutos dos esforços deste grande teólogo Batista Particular do século XVII, para a promoção da glória do Senhor Jesus são fontes de ricas bênçãos para nós hoje. Entendemos que para nosso proveito, edificação, firmeza e alegria na fé, e principalmente para a glória de nosso Senhor, a herança de Coxe, como é o caso deste sermão, não deve continuar sendo negligenciada. “Lembraí-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver” (Hebreus 13:7).

Em 1669 Coxe entrou para a igreja de Bedford que ficou famosa por causa de John Bunyan, e em 1673 foi chamado para servir como pastor de uma subcongregação desta igreja em Hitchin. Em 1674, ele foi censurado pela igreja de Bedford por determinados “erros”. Pode ser que as palavras e as práticas de Coxe estivessem relacionadas com a questão da adesão aberta ou fechada³, algo muito debatido na época. Benjamin Coxe defendeu claramente uma posição de membresia fechada em seus escritos publicados, enquanto a igreja de Bedford, e especialmente John Bunyan, resistiam a tal noção com grande vigor. Nehemiah veio a defender esses pontos de vista das pessoas de Bedford, as quais os viam como tendentes a causar rachas e divisões na congregação? Sua aparição na membresia fechada da igreja Petty France, logo após isso poderá nos ajudar a explicar esta situação.

Em 1675, Nehemiah Coxe e William Collins⁴, dois homens de imensa importância para a história Batista Particular, foram ordenados como co-pastores da igreja de Petty France no mesmo dia. Esta igreja foi uma das sete

³ Membresia aberta ou fechada: A posição “aberta” não exigia o Batismo (imersão em água de um crente, sob sua profissão de fé) para adesão à membresia da igreja. A filiação “fechada” impedia de filiar-se à igreja aqueles que haviam sido aspergidos quando crianças e que nunca haviam sido imersos como crentes professores.

⁴ William Collins recebeu uma educação completa, graduou-se Bachelor of Divinity [Bacharel em Teologia] e viajou pela Europa antes de ser chamado para servir em Petty France. Em um sermão de funeral pregado por John Piggott, quinze dias após a morte de Collins em 30 de outubro de 1702, é feita menção à encorajado-ra “Oferta que ele teve de unir-se à Igreja Nacional, o que ele judiciosamente recusou: pois foi a Consciência, e não o Capricho, que fizera dele um Dissidente”. A estima em que ele era tido por seus irmãos pode ser observada no fato de que ele foi solicitado pela Assembleia Geral para elaborar um Catecismo, e sobre a força disso, Joseph Ivimey afirma que “é provável que o Catecismo Batista tenha sido compilado por Collins, embora tenha sido chamado, por alguns meios, Catecismo de Keach”... Collins, de acordo com Piggott, “era um ancião estudioso e um bom pastor, conhecido por seu espírito pacífico. Os temas em que normalmente insistia no curso de seu ministério, eram as grandiosas e importantes verdades do Evangelho, com as quais ele lidou com grande juízo e clareza. Como ele desvelava as misérias da Queda! E de que forma comovente ele falava sobre a excelência de Cristo, e as virtudes de Seu sangue, e Sua vontade de salvar miseráveis, sobrecarregados pecadores despertados!... Seus sermões eram úteis sob a influência da Divina Graça, para converter e edificar, esclarecer e firmar, sendo extraídos da fonte da verdade, as Sagradas Escrituras, com a qual ele constantemente conversava em suas Línguas Originais, tendo lido os melhores Críticos, antigos e modernos; de modo que os homens de maior discernimento poderiam aprender com os Discursos de seu Púlpito, bem como os de capacidade mais mediana” (Leia mais em OEstandarteDeCristo.com).

igrejas de Londres originais que juntas publicaram a primeira Confissão de Londres de 1644⁵. Cada um deles foi tido em alta consideração por seus irmãos, sendo solicitados a produzirem obras teológicas significativas, e seriam, assim, bem capacitados para servir como editores⁶ da Confissão de Fé. Coxe morreu em 1688, antes da Assembleia Geral⁷ de 1689⁸, na qual a Segunda CFBF foi formalmente adotada como a declaração pública da fé de “vários Pastores, Mensageiros e Irmãos Ministros das Igrejas Batistas”, e de “mais de cem congregações da mesma fé que eles mesmos”. Embora seu nome não foi anexado à Confissão em 1689⁹, ele merece ser mencionado e

⁵ Baixe gratuitamente A Confissão de Fé Batista de Londres de 1644.

⁶ Segundo James M. Renihan, dos 160 parágrafos que compõem a Confissão de Fé Batista de Londres de 1689, 146 são diretamente derivados da Declaração Savoy, oito são derivadas da Confissão de 1644 e seis do trabalho editorial de Collins e Coxe (Fontes Documentais da Confissão de 1689).

⁷ “Após o Ato de Tolerância, que foi aprovado pelo Parlamento em 1688 e promulgado pelo rei em 24 de maio de 1689, os Dissidentes começaram a exercer a sua recém-obtida liberdade para reunirem-se publicamente para grande proveito. Em 1689, os Batistas se reuniram em Londres para sua primeira assembleia nacional. Este grupo de “vários Pastores, Mensageiros e Irmãos Ministros das Igrejas Batistas”, reuniram-se em Londres, de 3 a 12 de setembro de 1689, e afirmaram representar “mais de cem congregações da mesma fé que eles mesmos”. A fé comum que distinguiu este grupo de igrejas é especificada na página de capa como “as Doutrinas da Eleição Pessoal e Perseverança Final”. Este grupo se identificaria ainda mais em sua primeira reunião, adotando o que se tornaria conhecido como a Segunda Confissão de Fé de Londres. Esta confissão foi originalmente composta e publicada em 1677 tendo se originado na congregação Petty France sob a supervisão de William Collins e Nehemiah Coxe. A Confissão foi republicada em 1688 e, posteriormente, adotada pela Assembleia Geral em 1689. Os membros da assembleia declararam que esta Confissão continha “a Doutrina da nossa Fé e Prática” e expressava o seu desejo de que “os próprios membros de nossas igrejas sejam supridos com ela”. Quando a Confissão foi publicada pela terceira vez em 1699, ela incluía as assinaturas de trinta e sete ministros e mensageiros da Assembleia que permitiram que seus nomes fossem afixados “Em nome e em lugar de toda a Assembleia”. Entre os signatários estavam homens como William Collins, Hanserd Knollys, William Kiffin, Benjamin Keach e Hercules Collins” — Para saber mais sobre a Assembleia Geral dos Batistas Particulares de 1689, leia: Primeira Assembleia Geral dos Batistas Particulares (1689).

⁸ Em seu livro *Quem Foram os Puritanos?... e o que eles ensinaram?*, Erroll Hulse, afirma que a Segunda Confissão de Fé Batista de Londres foi emitida de forma anônima em 1677, foi republicada abertamente em 1688, e popularizada em 1689. “Quando as condições melhoraram em 1688 foi possível publicar a Confissão que havia sido formulada anteriormente [i.e., em 1677], mas a perseguição sofrida impediu-a de ter uma grande circulação. A Confissão de 1677 tornou-se conhecida como A Confissão de Fé de 1689 somente pela maior divulgação que recebeu naquela época. Um relato dos acontecimentos que precederam a *1677 London Baptist Confession of Faith* (Confissão de Fé Batista de Londres de 1677) é encontrado no livro *Nossa Herança Batista* (Erroll Hulse, *Our Baptist Heritage*, Chapel Library, 1993).

HULSE, Erroll. Como os Batistas se relacionam com os Puritanos? (Anexo II). In *Quem Foram os Puritanos?... e o que eles ensinaram?* 1ª ed. São Paulo: Editora PES, 2004, p. 233.

⁹ Para saber mais sobre a Confissão de 1689 leia: A Introdução à Confissão por Gary Marble, em seu Comentário da CFBF1689 & As Raízes da Confissão de Fé Batista de Londres de 1689 (ouça este artigo no YouTube, na voz de Rupert Teixeira).

lembrado ao lado de seu co-anceão em associação a este grandioso documento.

Coxe foi um médico qualificado, hábil em Latim, Grego e Hebraico, e um teólogo judicioso. Quando o evangelista de West Country, Thomas Collier, começou a desviar-se da ortodoxia Calvinista das igrejas de Londres, os anciãos em Londres solicitaram a Coxe que o respondesse por meio de um escrito impresso sobre as posições de Collier. Ele fez isso em 1677, em sua obra *Vindiciae Veritatis*, ou um *Confutation of the Heresies and Gross Errors Asserted by Thomas Collier* [Verdade Vindicada, ou uma Refutação das Heresias e Erros Grosseiros Afirmados por Thomas Collier]. Em uma breve epístola, no início de sua obra, que aborda a questão da “inferioridade em anos” de Coxe, afirma-se que ele não escreveu o livro fora de um senso de capacidade pessoal, mas a pedido, porque “nós o julgamos como estando capacitado para esta obra”, e porque suas responsabilidades no momento proporcionaram-lhe a oportunidade de responder aos erros de Collier. Eles disseram desta obra: “Nós esperamos, podemos realmente dizer, sem ter em conta parcialidade para com sua sua pessoa, que ele tem se comportado com grande modéstia de espírito, juntamente com tal plenitude e clareza de resposta e poder de argumentação, que confortavelmente conce-bemos (pela bênção de Deus) de modo que esta obra pode mostrar-se um bom e soberano antídoto contra o veneno”. O livro é uma expressão muito poderosa da doutrina Reformada.

Em 1681, durante um período de perseguição, Coxe publicou a edição original da presente obra, originalmente intitulada *A Sermon Preached at the Ordination of an Elder and Deacons in a Baptized Congregation in London* [Um Sermão Pregado na Ordenação de um Ancião e de Diáconos em uma Congregação de Crentes Batizados em Londres].

Também em 1681, Coxe publicou *A Discourse of the Covenants that God made with Men before the Law* [Um Discurso Sobre os Pactos que Deus fez com o Homem Antes da Lei]. Este livro de Coxe — pela graciosa providência de nosso Deus, este discurso foi republica-do recentemente¹⁰ — tornou-se um clássico e uma referência daquilo que hoje conhecemos como a Teologia Pactual dos Batistas Particulares Confessionais de 1689, ou simplesmente o Federalismo de 1689.¹¹

¹⁰ Nehemiah Coxe and John Owen, *Covenant Theology From Adam to Christ* [Nehemiah Coxe e John Owen, Teologia Pactual de Adão a Cristo], editado por Ronald D. Miller, James M. Renihan e Francisco Orozco (Owensboro, KY: Reformed Baptist Academic Press, 2005). Neste mesmo livro há também uma excelente biografia de Nehemiah Coxe, cf. James M. Renihan, “An Excellent and Judicious Divine: Nehemiah Coxe” [Um Excelente e Judicioso Teólogo: Nehemiah Coxe].

¹¹ Um entendimento bíblico e correto da Teologia Pactual dos Batistas Particulares Confessionais de 1689 é fundamental para todo aquele que pretende real e honestamente confessar a CFB1689. Para saber mais sobre o Federalismo de 1689, acesse os websites: Federalismo1689.com (Rupert Teixeira) & Batista1689.com (Daniel Pompermayer).

A respeito de Coxe, um de seus contemporâneos, C. M. du Veil, em 1685, em seu *Commentary on Acts* [Comentário sobre Atos], chamou Coxe de “um grande teólogo, eminente em todos os tipos de erudição”, e referiu-se ao seu “excelente” livro Um Discurso Sobre os Pactos como repleto dos “mais poderosos e sólidos argumentos”.

É um fato claro que Nehemiah Coxe foi tido em alta consideração por seus irmãos, e foi claramente um teólogo notável; prova abundante disso pode ser visto neste maravilhoso sermão, puramente bíblico e precisamente fiel ao ensino extraído da fonte da Verdade, as Escrituras Sagradas.

Coxe morreu em 1688, antes da Assembleia Geral de 1689, deixando para trás um filho.

A vida e obra de nosso mui amado e estimado irmão Nehemiah Coxe ergue-se como um marco e exemplo da doutrina que é segundo a piedade; da constância no amor, na fé e na verdade; e da firmeza inabalável na luta pela verdade de Deus, revelada nas Sagradas Escrituras. Faríamos bem em atentar para o seu exemplo, pois certamente ele foi um imitador de Cristo (Hebreus 13:7; 1 Coríntios 11:1; Filipenses 3:17).

Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível,
Ao único Deus sábio, Senhor e Salvador nosso,
Seja glória e majestade, louvor e honra, domínio e poder,
Agora, e para todo o sempre. Amém e Amém!

William Teixeira e Camila Almeida

EC, 5 de outubro de 2015.

ANCIÃOS E DIÁCONOS BÍBLICOS

“Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam, e de cidade em cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei” (Tito 1:5).

O propósito e âmbito geral destas palavras é óbvio à observação de cada um que as lê. O grande apóstolo dos gentios tinha trabalhado com um bom sucesso na pregação do Evangelho aos cretenses; e sendo ele mesmo removido deles, depois que ele como um sábio construtor estabeleceu a fundação de muitas igrejas de Cristãos em Creta, ele deixou Tito entre eles para construir sobre este. Enquanto ele ali residia, Paulo envia esta carta a ele para lembrá-lo daquele serviço por Cristo em Suas igrejas que ele havia deixado em suas mãos; pelo que ele não somente o estimula ao seu labor, mas também fornece-lhe instruções completas e claras para o correto gerenciamento do mesmo.

I. Exposição.

A. Geral: Ordenar as Coisas que Estão Faltando.

Na consideração que nosso texto dá sobre a razão pela qual Paulo deixou Tito em Creta, o serviço no qual ele deveria ser ali empregado é estabelecido em termos mais gerais e abrangentes: ele deveria pôr em ordem as coisas que ainda restavam (Tito 1:5). O que te-mos de fazer em primeiro lugar é brevemente introduzir a você o que necessita de explicação nas palavras.

A palavra grega ἐπιδιορθώση, que é traduzida por “pôr em boa ordem”, não é usada em nenhum outro lugar no Novo Testamento, nem na versão do Antigo pela Septuaginta¹², de acordo com que eu possa encontrar. Diversos intérpretes eruditos aqui o traduzem como *corrigas*: “para que possas corrigir”; e Erasmo em suas notas estabelece uma palavra mais expressiva de

¹² Septuaginta: tradução das Escrituras do Antigo Testamento em Grego, iniciada no século III a.C.

sua ênfase, *supercorrigas*, que quer dizer “corrigir com precisão e exatidão”, como alguém que realiza um trabalho novamente de modo que possa assegurar-se de não deixar nenhuma mácula ou defeito nele. Alguns entendem esta parte do fardo de Tito com relação à correção dos costumes dos cretenses por reprovação e sã doutrina, e com este sentido a versão Árabe concorda plenamente, *Ut res vitiosas corrigas*: “para que possas corrigir as coisas que estão com falha”; e é evidente na sequência da Epístola que esta era uma parte de sua obra. Mas eu concebo que isso não é tão imediatamente pretendido por este termo, mas sim, o estabelecimento e disposição das coisas relativas aos ofícios e governo na casa de Deus, e a ordem da sua comunhão na igreja em que eram membros em um acordo completo e exato em relação à regra de nomeação de Cristo, que o apóstolo não teve tempo de levar à perfeição durante a sua estadia entre eles. E este sentido muito bem concorda com o uso de um termo de próxima afinidade com este em nosso texto (ou seja, διορθώσεως) que aparece em Hebreus 9:10, onde os dias do Evangelho são chamados de “tempo da correção”, porque neles o estado da Igreja é trazido à sua máxima perfeição aqui na terra e tudo o que esteve faltando na Lei é plenamente suprido no Novo Testamento.

B. Específica: Nomeação de Presbíteros (ou Anciãos) em cada Cidade.

Vejamos, agora, uma descrição mais específica de um encargo especial deixado para Tito: que ele deveria nomear presbíteros em cada cidade, como Paulo lhe havia ordenado (Tito 1:5).

A edificação e a beleza da igreja está em muito relacionada à sua ordem, não uma ordem do tipo que a superstição ditará, ou a controvérsia se esforçará por contender, mas tal como já descrita, que a estabelece em uma conformidade com a vontade de Cristo; e particularmente o preenchimento dos ofícios que Ele nomeou com pessoas devidamente qualificadas para a administração deles, e a regular atuação tanto de oficiais quanto de membros, em suas respectivas posições.

O comando particular dado a Tito é a nomeação de presbíteros em cada cidade. Isso deve ser explicado através da comparação com Atos 14:23, onde a prática dos próprios apóstolos está registrada: “E, havendo-lhes... eleito [nomeado] anciãos *em cada igreja*...” (κατὰ πόλιν e κατ’ ἐκκλησίαν¹³ são equivalentes nestes textos). Os convertidos em cada cidade não eram, então, tão numerosos, mas eles poderiam convenientemente se reunir em um lugar para o culto a Deus; e assim ordenar-lhes presbíteros em “todas as cidades” era fazê-lo em “cada igreja”. E embora estas primeiras ordenações foram por

¹³ κατὰ πόλιν e κατ’ ἐκκλησίαν: “cada cidade” e “cada igreja”.

meio de homens extraordinários¹⁴, mas as pessoas não foram excluídas do justo direito de escolher os seus próprios ministros, pois eles eram nomeados para seu cargo pelo voto concorrente e sufrágio do povo¹⁵. Todavia, Tito deveria presidir na gestão deste caso para a sua orientação e direção, tanto no que diz respeito ao próprio ofício quanto à escolha de pessoas devidamente qualificadas para isso.

C. O Caráter Daquelles que Deveriam “pôr em ordem”.

A seguir, para mais completamente expor o texto, será necessário citar brevemente a qualidade e caráter daquelas pessoas que aqui encontram-se envolvidas no estabelecimento da ordenação das coisas nas igrejas.

1. Paulo tem o Caráter de um Apóstolo de Jesus Cristo.

A pessoa que empregou Tito neste serviço, ou seja, Paulo, tem o caráter e tinha o ofício e autoridade de um apóstolo de Jesus Cristo. Os apóstolos tinham um chamado imediato e extraordinário para o seu ofício por Deus e nosso Senhor Jesus Cristo. Daí o nosso apóstolo, quando ele quis demonstrar aos Gálatas a dignidade do seu ofício de modo que ele pudesse restaurá-los à firmeza na doutrina que ele havia pregado a eles, diz que ele era um apóstolo: “não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai...” (Gálatas 1:1). Ministros ordinários, como pastores ou anciãos, embora não sejam da parte dos homens, isto é, não recebem a sua autoridade dos homens, nem são de direito e nomeação humanos, ainda assim, eles são constituídos por meio de homens, de modo a serem trazidos ao seu ofício pela chamada da Igreja. Mas não foi assim com os apóstolos de Cristo: eles não eram nem da parte de homens nem por meio de homens, mas obtiveram o seu chamado e poder imediatamente de Cristo — seu ministério sendo ante-cedente às igrejas do Novo Testamento¹⁶, como aqueles pelos quais estas deveriam ser plantadas.

E visto que eles tinham um chamado extraordinário, assim eles também foram qualificados com dons e habilidades extraordinárias para a obra a qual

¹⁴ Extraordinário: Coxe distingue entre dom e ofícios “ordinários” e “extraordinários” na igreja. Os “ordinários” são aqueles que foram nomeados por Cristo e Seus apóstolos para o exercício continuado na igreja, como anciãos e diáconos. Os “extraordinários” são aqueles que foram nomeados por Cristo com a finalidade temporária de estabelecer as igrejas na sua infância, como apóstolos e profetas.

¹⁵ O caminho apontado por Cristo para o chamamento de qualquer pessoa, capacitada e dotada pelo Espírito Santo, para o ofício de bispo ou ancião em uma igreja, é que ele seja escolhido para isso pelo sufrágio comum da própria igreja e solenemente separado por jejum e oração, com a imposição das mãos do presbitério da igreja, se houver algum nela anteriormente constituído. E de um diácono, que ele seja escolhido por seme-lhante sufrágio, e separado por meio de oração, e semelhante imposição de mãos (Segunda Confissão de Fé Batista de Londres de 1689, Capítulo XXVI, Sobre a Igreja, parágrafo 9).

¹⁶ Seu ministério... antecedente às igrejas: Cristo designou os apóstolos antes que existissem congregações do Novo Testamento; os apóstolos, em seguida plantaram e regaram tais igrejas (1 Coríntios 3:5-11).

eles foram chamados, e tinham a orientação infalível do Espírito em sua doutrina — o que era justamente necessário, considerando que as igrejas deveriam ser fundadas e edificadas logo a seguir (Efésios 2:20). Os apóstolos e profetas do Novo Testamento são o fundamento, no respeito à sua doutrina; embora Jesus Cristo, a Quem eles pregavam, é o único fundamento da Igreja em matéria de fé e confiança. O poder dos apóstolos se estendeu a todas as igrejas e era igual em todas elas quando foram plantadas, e, portanto, Paulo disse: “me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas” (2 Coríntios 11:28), e como um fruto desse cuidado no desempenho de seu ofício, ele expressa esta comissão a Tito. Nisto devemos considerá-lo como agindo em virtude da autoridade que ele mesmo tinha recebido de Cristo, que é o tema de primeira importância e o Cabeça de todo poder e jurisdição eclesiástica. Não existe tal coisa como autoridade dentro ou sobre a igreja, senão a que é derivada de Cristo, que tem todo o poder no céu e terra dado a Ele (Mateus 28:18).

2. Tito Tinha o Caráter e Ofício de um Evangelista.

A pessoa comissionada, ou seja, Tito, tinha o caráter e ofício de um evangelista. Os evangelistas também foram ministros extraordinários (embora inferiores aos apóstolos) e costumavam assistir ao mover e direção dos apóstolos, como auxiliares deles na pregação do Evangelho e plantação de igrejas na devida ordem quando pela primeira vez plantada. E embora Tito não seja expressamente chamado um evangelista, contudo, se considerarmos o seu trabalho, e compararmos esta Epístola a ele com aqueles escritos para Timóteo, que é particularmente comissionado para “fazer a obra de um evangelista” (2 Timóteo 4:5), nós não teremos qualquer razão para duvidar de que Tito era um, sendo ambos da mesma capacidade. E eles não agiram como bispos diocesanos¹⁷ em sua responsabilidade particular, mas às vezes eram empregados em uma parte do mundo, e às vezes em outra, conforme o serviço do Evangelho necessitava de sua presença. E desde a cessação destes oficiais extraordinários e a conclusão do cânon do Novo Testamento, todos os ofícios e questões da igreja devem ser regulamentados e guiados pela regra comum e permanente das Escrituras. E cada congregação em particular tem não somente o direito, mas o dever, de dispor-se, por esta ordem, e sob essa regra e governo, que Cristo nomeou em Seu testamento.

Agora, prosseguiremos àquelas coisas sobre as quais o nosso texto e a presente ocasião solicitam mais algum discurso.

¹⁷ Bispos diocesanos: em um período posterior, os presbíteros que receberam a responsabilidade de cuidar de múltiplas igrejas em uma área particular (diocese).

II. Nomeação de Diáconos.

A. A Nomeação de Diáconos na igreja de Jerusalém.

O primeiro exemplo que temos de estabelecimento de ordem em uma igreja Cristã pela ordenação de oficiais comuns das mesmas, é aquela nomeação de diáconos na igreja de Jerusalém em Atos 6.

E isso também eu considero ser incluído na comissão geral aqui dada a Tito, que ele deveria “pôr em boa ordem as coisas que ainda restam [faltam]”, pois parece que as igrejas primitivas tinham tanto bispos ou anciãos quanto diáconos ordenados nelas, quando levados àquele estabelecimento e ordem na qual deveriam continuar (Filipenses 1:1). E a necessidade de um tal ofício e oficiais na igreja, quando o número de seus membros é maior, aparecerá rapidamente, como ocorreu na igreja em Jerusalém, pois, “...crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos¹⁸ contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano” (Atos 6:1). Os helenistas aqui mencionados não eram gentios ou gregos por nacionalidade, mas tais dos judeus dispersos que, tendo a sua educação entre os gregos e falando a sua língua, eram chamados de helenistas, na distinção entre aqueles nascidos e criados na Judéia que falavam a comum língua-gem judaica, que era então uma espécie de caldeu-siríaco e é chamada de Língua Hebraica (Atos 22:2) por causa de seu uso, então, comum entre os hebreus ou a descendência de Abraão na Judéia. Com relação a isso, Paulo afirma de si mesmo que ele era um “hebreu dos hebreus” (Filipenses 3:5).

Agora, sobre essa murmuração dos helenistas, para a prevenção de toda desordem ou negligência deste tipo para o futuro, os doze convocaram a multidão dos discípulos ao pé deles, e disseram-lhes que não era razoável que eles fossem retirados do serviço mais importante de pregar o Evangelho para oferecer assistência em um assunto desta natureza. Portanto, para que eles pudessem ter a liberdade de entregarem-se continuamente à oração e ao ministério da Palavra, e ainda que as necessidades da distribuição aos pobres e ordenação das esmolas da igreja fossem também previstas, eles ordenaram-lhes que buscassem fora deles, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais eles encarregariam deste

¹⁸ Gregos: traduzidos do Ἑλληνιστῶν grego (Hellēnistōn) a partir do qual obtemos o termo Português “Helenistas”. “Esse termo provavelmente se refere aos judeus cuja língua materna era o grego, como distintos daqueles usando uma língua semita [a família de Línguas que incluem Hebraico, Árabe, Aramaico, e outros]... Gutbrod (Dicionário Teológico do Novo Testamento 3:389) fala da diferença entre aqueles que são nativos de Israel e daqueles que vêm de fora, mas é uma prática social e religiosa que parece a ter um papel central na distinção. A linguística [idioma] e as diferenças sociais produziam diferenças culturais que criaram uma divisão na igreja que a comunidade agora reconhece e age rapidamente para sufocar [pôr fim]” (Darrell L. Bock, Atos, 258).

serviço; o que ocorreu nesse sentido. Esta é, em suma, a história da primeira ordenação de diáconos. Porque neste caso o que ocorreu pela primeira vez desta maneira deveria ser a regra e padrão do que seria feito depois, daremos uma revisão de algumas passagens para nossa instrução presente. Em primeiro lugar, um diácono sendo um oficial ordinário na igreja, nomeado para ministrar ali para o alívio dos pobres, a eleição desses oficiais, de direito, pertence àquela congregação onde devem ocupar este cargo. Os santos apóstolos, embora investidos de um poder extraordinário e peculiar confiados por Cristo com a nomeação de um tal ofício e oficiais, depois de terem informado razoavelmente a igreja e lhe dado uma regra pela qual proceder, deixou-os à sua própria voluntária e livre escolha.

Em segundo lugar, o número aqui nomeado, ou seja, sete, era adequado para a presente necessidade ou conveniência daquela numerosa congregação na qual eles deveriam servir, e não pretende ser uma regra de modo que nem mais nem menos possa ser nomeado em qualquer congregação posteriormente. Isso deve ser determinado por uma devida comparação da finalidade do oficial com as circunstâncias de cada congregação em particular, que deve reger a sua escolha na questão do número como possa melhor atender ao objetivo, em uma disposição suficiente para a sua presente necessidade e conforto de seus pobres.

Em terceiro lugar, a regra de procedimento da Igreja em sua eleição é exposta diante dela, em uma consideração daquelas qualificações que são necessárias nas pessoas a ser investidas de tal confiança. Eles devem ser homens “de boa reputação”, homens cuja vida pura e santa seja bem atestada, pessoas de conhecida e aprovada integridade, “cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (Atos 6:3). Estes termos gerais são abrangentes dos elementos mencionados pelo nosso apóstolo nessa regra que ele deu sobre a mesma questão em 1 Timóteo 3:8-9: “Da mesma sorte os diáconos sejam honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância; guardando o mistério da fé numa consciência pura”.

É uma examinação e julgamento das pessoas a serem escolhidas por esta regra que o apóstolo pretende nas próximas palavras: “E também estes sejam primeiro provados [testados], depois sirvam (como um diácono), se forem irrepreensíveis” (1 Timóteo 3:10, tradução literal). Isso eu menciono para que possa corrigir um erro que penso que muitos têm incorrido a partir de um mal-entendido sobre este texto, em que eles supõem que o apóstolo exige que um julgamento deve ser feito em relação aos anciãos e diáconos no desempenho do próprio labor de seu cargo, antes que eles sejam ordenados a esse ofício. Mas essa forma de julgamento é tão estranha ao texto, quanto a noção afirmada é inconsistente consigo mesma; pois, observe, ele não diz: “Testem se eles desempenham bem o ofício de diácono” — como eles desempenhariam este ofício antes de serem ordenados? — “e, em seguida, deixe-os ser ordenados, se por algum tempo eles tiverem um bom

desempenho”. Mas o julgamento que ele exige é antecedente ao desempenho deles do ofício de um diácono, e não é diferente de uma diligente comparação das qualificações das pessoas com as características de alguém adequado para tal ofício que ele antes havia estabelecido.

Este eu considero ser o sentido claro das palavras. E se isso não for admitido, devemos supor que a regra de um apóstolo contradiz a prática de outros que atuam pela mesma orientação infalível como a que ele escreveu — o que é um absurdo, pois é claro em Atos que eles foram encaminhados para examinar e analisar as qualificações e aptidão das pessoas a serem escolhidas para diáconos antes que eles houvessem realizado a escolha deles, e que os apóstolos fizeram isto por uma ordenação solene e investiram-nos do seu ofício antes deles agissem no mesmo, ou desempenhassem o ofício de diácono.

Em quarto lugar, quanto à obra de um diácono, o cuidado dos pobres é o seu dever especial. E, a fim disso, as contribuições e as esmolas da igreja devem ser depositadas a eles, e confiadas à sua distribuição, como os casos particulares podem exigir. Agora, chegarei ao final neste ponto, e passarei para o restante, quando eu tiver falado uma ou duas palavras.

B. Para Aqueles que são Ordenados ao Ofício de Diácono.

Para os diáconos, há quatro coisas que recomendarei a vocês como necessárias para o cumprimento dessa confiança que está empenhada a vocês, a saber: fidelidade, compaixão, prudência e diligência.

1. Fidelidade.

Vocês têm uma relação de confiança comprometida a vocês, ou seja, as esmolas e contribuições da igreja, que são na verdade uma espécie de coisas consagradas ou dedicadas, e esta é uma confiança considerável. Sim, os membros pobres de Cristo, que são queridos por Ele como a menina dos Seus olhos, estão confiados ao seu cuidado na medida em que diz respeito ao seu alívio e socorro em coisas exteriores, e esta é uma maior confiança. Vocês são nestas coisas mordomos para a igreja, sim, mordomos de Cristo; e é exigido de um mordomo que ele seja encontrado fiel (1 Coríntios 4:2). Considerem, portanto, o dever de sua posição, e conscientizem-se de um fiel desempenho dos mesmos, como sabendo que vocês devem prestar contas a Cristo (2 Coríntios 5:10) Quem vos nomeou para este serviço, e com Ele não há aceção de pessoas (Romanos 2:11).

2. Compaixão.

Seu negócio e serviço é aliviar as necessidades dos santos pobres; e isso vocês nunca podem fazer com um espírito reto, a menos que tenham um sentimento de empatia para com eles em suas necessidades, e ajam por meio de uma simpatia graciosa, por assim dizer, coloquem-se no lugar deles. Aquele que contribui deve fazê-lo com alegria, e isso ele nunca fará se a

compaixão não tiver primeiro preenchido o seu coração. Lembrem-se que este ofício na igreja é um fruto de piedade e compaixão de Cristo para com os pobres. É seu dever fazer suas distribuições dessa forma que possa melhor representar a piedade e ternura dAquele a quem vocês servem neste serviço.

3. Prudência.

Sua compaixão deve ser orientada pela discrição. E como é necessário que um diácono tenha uma abundante unção do Espírito bom e benigno, de modo que ele possa ser gentil e carinhosamente terno para com seus irmãos, assim, não é menos necessário que ele seja cheio de sabedoria também, para que ele possa, corretamente, discernir o caso e as circunstâncias daqueles que devem ser aliviados por ele. E para que ele possa realizar seu ministério de forma equilibrada, para evitar o encorajamento da indolência por um lado, e a negligenciar as angústias reais pelo outro — ambos são extremos a serem evitados. É certo que há uma tão grande diferença no temperamento das pessoas, que haverá necessidade de investigação diligente das necessidades de alguns, cuja modéstia poderia escondê-los mais do que é devido, enquanto a importunação irrazoável de outros precisa de uma verificação prudente.

4. Diligência.

É um serviço de Cristo aquele no qual vocês estão empregados, e a obra do Senhor não deve ser feita de forma negligente. Seu coração deve estar no seu trabalho, e você não deve fazê-lo como algo secundário, com um espírito descuidado e indiferente. Mas, vocês devem fazer como Ezequias fez o trabalho de Deus na sua posição, cujo ardente louvor foi: “E toda a obra que começou no serviço da casa de Deus, e na lei, e nos mandamentos, para buscar a seu Deus, *ele a fez de todo o seu coração*, e prosperou” (2 Crônicas 31:21). E saibam que o vosso trabalho não será vão no Senhor (1 Coríntios 15:58), pois não há serviço (exceto o que imediatamente relaciona-se à salvação das almas dos homens) mais aceitável a Cristo do que aquele no qual vocês estão envolvidos.

C. Para a Congregação que os Chamou para este Ofício.

Quanto à congregação, é o seu dever respeitar os seus diáconos, de modo a estimar o seu serviço na igreja como útil e honroso: “Porque os que servirem bem como diáconos, adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus” (1 Timóteo 3:13). Mas especialmente o seu dever é o de encorajá-los em seu trabalho por uma contri-buição livre e abundante para os pobres, isto para que a partir da abundância daqueles que desfrutaram de muito, eles sempre possam ter o suficiente para prover para o alívio daqueles que sofrem necessidade. Muitas coisas podem ser instadas para a abertura de seus cora-ções para um tão bom trabalho, mas meu tempo presente não admitirá a ampliação deste tópico.

III. Nomeação de Anciãos.

Agora prosseguirei para o próximo ponto que está diante de nós, ou seja, a nomeação de anciãos em cada cidade ou igreja, o que foi particularmente ordenado a Tito.

A. A Continuação dos Anciãos.

Bispos ou anciãos são oficiais comuns na igreja, de direito e designação Divinos, e devem ser ali continuados até o fim do mundo. Seu ofício é superior ao dos diáconos, ao passo de mais proximamente concernente ao benefício e edificação da igreja, como o cuidado e a conduta das almas dos homens transcendem os cuidados do homem exterior e suprimentos da vida temporal. Vimos algo sobre o cuidado que os apóstolos tinham como esta disposição na igreja, na introdução das palavras, como também o método que eles observaram no chamado e ordenação das pessoas para este serviço; isso era feito, como disse Clemente, συνευδοκησας εκκλησιας πασης, por meio de toda a igreja dar o seu consentimento e aprovação¹⁹. E por sua nomeação ocorria que quando os oficiais ordenados por eles morriam, outros homens aprovados deveriam suceder o seu lugar, a quem a administração das coisas sagradas na Casa de Deus era confiada, e por quem a instrução e governo da igreja deveria ser devidamente provida. Temos tanto a continuidade desses oficiais e a razão disso afirmadas: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Efésios 4:11-13). Estas últimas palavras são manifestamente estendidas até a completude de todo o Corpo místico de Cristo, e, assim, ao período da dispensação da graça neste mundo, até que não haja uma igreja na Terra. E, embora alguns desses ofícios e dons mencionados no verso 11 agora tenham cessado, no entanto, é

¹⁹ Quando... nos voltamos para os registros da história encontramos provas suficientes para demonstrar que as igrejas continuaram mesmo após a ascensão do Sistema Episcopal a defender e a exercer o direito de eleição, aquele grande princípio que é a base da liberdade religiosa. A autoridade mais antiga e mais autêntica sobre este assunto depois das próprias Escrituras é derivada de Clemente de Roma, contemporâneo com alguns dos apóstolos. Este honroso Pai, em sua epístola à igreja de Corinto cerca de 96 d.C, ou, de acordo com Bispo Wake, entre os anos 60 e 70 de Cristo, fala dos regulamentos que foram estabelecidos pelos apóstolos para a nomeação de outros para sucedê-los depois de seu falecimento. Esta nomeação deveria ser feita com o consentimento e aprovação de toda a igreja... fundamentado em seu conhecimento prévio das qualificações do candidato para este ofício. Este testemunho indica claramente a cooperação ativa da Igreja na nomeação de seus ministros (Lyman Coleman, *A Church without a Prelate: The Apostolical and Primitive Church* [Uma Igreja sem um Prelado: A Igreja Apostólica e Igreja Primitiva], 12).

evidente que outros deles devem continuar até o fim, até que o propósito para que um ministério evangélico é designado seja perfeitamente cumprido.

Muito bem concorda com o escopo do discurso do apóstolo nesta passagem fazer uma menção conjunta de ministros extraordinários e ordinários, já que eles são todos dados por Cristo para uma única e mesma finalidade, ou seja, o aperfeiçoamento de Seu Corpo Místi-co, o que oferece um bom argumento para a união dos Cristãos em suas diferentes medidas de realização a que o apóstolo está aqui pressionando-os. Os apóstolos, profetas e evange-listas eram necessários, sendo empregados em lançar a fundação das igrejas evangélicas, e a continuação de pastores e mestres não é menos necessária para a continuidade e prosseguimento do edifício espiritual da igreja até o fim do mundo. E não há nenhuma razão para concluir que todos esses oficiais devem estar sempre na igreja, pelo simples fato deles estarem aqui mencionados juntos, não mais do que há para afirmar que o poder de operar milagres nunca deveria cessar, porque a promessa de tal poder de alguns crentes é indefinidamente dada com a promessa da salvação pela fé em Cristo — cujos desdo-bramentos da promessa são certamente estendidos para todos os crentes em todas as eras (Marcos 16:16-18).

Agora, como é de facto evidente que os milagres ocorriam para a confirmação do Evangelho em sua primeira promulgação, e agora cessaram²⁰; assim é semelhantemente claro que o ofício e os dons de apóstolos, profetas, evangelistas eram para o primeiro plantio das igrejas, e não mais continuariam do que até a sua ordem ser totalmente estabelecida e a revelação da mente de Deus no Novo Testamento aperfeiçoada. E, em seguida, a sabedoria de Cristo viu que era melhor deixar as igrejas à regra de Sua Palavra escrita, e à orientação de seus oficiais ordinários de acordo com a mesma.

B. Bispos, Presbíteros, Anciãos, Pastores e Professores.

Os oficiais que agora estamos tratando, os quais são em nosso texto chamados de anciãos (πρεσβυτέροι), são nas próximas palavras denominados bispos ou presbíteros (ἐπίσκοποι, a aplicação semelhante de

²⁰ Neste parágrafo, Nehemiah Coxe, deixa extremamente clara sua posição Cessacionista, e considerando que ele foi comissionado pelos seus outros irmãos Batistas Particulares para ser um dos editores da CFB1689 e levando em conta também o próprio texto da Confissão (1:1, 6, 9, 10; 8:8; 10:1; 18:3; 22:1), podemos facilmente concluir que o Cessacionismo, como descrito neste parágrafo, ou seja, a posição genuinamente bíblica, foi também a posição unânime de todos os primeiros Pais Batistas Particulares Confessionais.

As igrejas Batistas Reformadas da ARBCA, sendo Confessionais da CFB1689, creem nestes mesmos princípios. Recomendamos com alegria a leitura de um de seus documentos concernente à Posição da ARBCA Sobre A Continuação dos Dons de Revelação nos Nossos Dias.

Portanto, é totalmente impossível ser Continuista ou Pentecostal e ao mesmo tempo Confessar a CFB1689. — Nota EC (William).

ambos os termos para as mesmas pessoas e ofício você pode observar em Atos 20), e em Efésios 4:11 são chamados de pastores e doutores. É evidente que o Espírito Santo não intenciona por qualquer um desses diferentes termos qualquer distinção ou preeminência de ofício entre aqueles que carregam essas qualificações, antes todos eles são adequados para o mesmo ofício em seus diferentes aspectos. Esses ministros são chamados às vezes de anciãos, por causa de sua gravidade e precedência na casa de Deus, talvez com um algum respeito à autoridade paterna e preeminência dos chefes de família e os anciãos do povo, entre os israelitas do passado; e em outras vezes bispos ou presbíteros, porque o seu trabalho é vigiar o rebanho, e portarem-se como sentinelas fiéis que assistem as almas das pessoas comprometidas à sua confiança, de forma que possam dar conta delas ao Pastor com grande alegria, e não com tristeza. E porque cabe a eles alimentarem a igreja com as palavras de vida eterna, e abrirem a mente de Deus para eles a partir das Escrituras para que eles possam, por seu ministério, ser instruí-dos quanto ao Seu reino, eles também são denominados pastores e doutores. Sendo o nosso caminho assim preparado, até agora, por esta consideração geral do ofício de ancião, e a continuidade necessária deste na igreja, muitas coisas prontamente oferecem-se como adequadas a serem ditas neste tópico, mas (omitindo outras) devo, no momento, limitar-me a um breve inquérito destes dois que se seguem.

C. As Qualificações Exigidas da Pessoa que Realiza este Ofício.

Em primeiro lugar, quanto às qualificações necessárias de um ancião ou bispo, elas são particular e integralmente descritas para nós em Tito 1:6-9 comparado com 1 Timóteo 3:2-7. A primeira coisa necessária em ambas as passagens é que ele seja irrepreensível, não absolutamente sem pecado, pois não há ninguém assim no mundo, mas livre de qualquer defeito notável ou ofensa escandalosa em sua vida, um homem cuja conduta e comportamento gerais sejam o adorno daquela doutrina que ele possui para si mesmo, e deve ensinar aos outros.

E, em seguida, marido de uma mulher; não é necessário que ele seja um homem casado, mas supondo que seja, é necessário que ele tenha sido o marido apenas de uma única mulher, ou seja, uma só vez. Pois, embora ele tivesse se arrependido de sua poligamia, contudo a fama de sua incontinência anterior permaneceria com ele — a poligamia não tinha boa audiência mesmo entre os pagãos civilizados. E era adequado que um bispo de-veria ter *um bom testemunho dos que estão de fora*, para que não caísse em afronta, e no laço do diabo (1 Timóteo 3:7). E isso também inclui aqueles que se apartaram de suas es-posas e casaram-se novamente, o que era uma coisa que tanto os judeus e gentios costumavam fazer, e algo que foi totalmente proibido por Cristo, exceto no caso de fornicação (Mateus 19:9; 1 Coríntios 7:10-16).

Da mesma forma, seus filhos (se tiver algum) e seu curso de vida sob sua disciplina familiar devem ser considerados. Eles devem ser *fiéis*, não vivendo ainda em idolatria e paganismo, mas vivendo de forma sóbria e bem-governada, estar em sujeição a ele com toda a gravidade, pois, se não parecer que ele governa bem a própria casa, como ele será estimado apropriado para cuidar da igreja de Deus?

Ele também deve ser temperado, cuidadoso e diligente no seu trabalho e dever na posição em que ele tem estado, caso contrário, ele será mui inadequado para um ofício pastoral, que requer vigilância perpétua. Ele deve ser *sóbrio*, de uma vida temperada, adornado com modéstia e moderação; e de um bom comportamento, cheio de gravidade e humanidade em toda a sua conduta. Ele não deve ser *obstinado*, orgulhoso e impetuoso; *não violento*, nem dado à ira, mas um homem que tem um bom governo das suas paixões, e cuja mansidão o dispõe a instruir e exortar os homens com toda a longanimidade e doutrina (2 Timóteo 4:2).

Ele *não deve ser dado a muito vinho*, mas estabelecer em si mesmo um exemplo de mortificação dos prazeres sensuais. Ele deve detestar fortemente todas as formas injustas e sórdidas de acúmulo ou manutenção de riquezas para si mesmo, assim como deve detestar a sórdida ganância; nem deve ser passível de justa suspeita de que ele desempenha o seu ofício a partir do fundamento de uma cobiça de quaisquer compensações externas relativas a isso, mas a partir de uma mente disposta e sincero amor a Cristo e às almas dos homens. E ele deve ser hospitaleiro, de modo que assim ele ser o primeiro e o exemplo dos outros em todos os atos de bondade e caridade para com os santos; não alguém contencioso, litigioso ou homem rixoso, mas capacitado tanto com habilidades quanto com uma mente pronta para ensinar e instruir aos outros; e, portanto, ele deve ser bem capacitado com o conhecimento dos mistérios de Deus, e alguém que sustente firmemente a Palavra fiel como ele foi ensinado, para que ele seja capaz, por meio de sua doutrina, tanto de exortar como de convencer os contradizentes. Em uma palavra, ele deve ser um homem santo e justo em si mesmo, e um amante de tudo o que é assim; sim, alguém cujas virtudes o tempo provou e as fez bem visíveis, um homem firme e bem estabelecido; não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do Diabo.

Esta é a regra de julgamento que todas as igrejas são obrigadas a ter em sua vista e diligentemente atender em sua eleição de anciãos. Ao fazê-lo, Cristo aprova a sua escolha, e o Espírito Santo torna-os presbíteros; pois os dons, graça e autoridade de um ministro do Evangelho são a partir dele; e nenhum homem ou sociedade de homens sob o Céu pode, de jure²¹, constituir como ministro aquele a quem Cristo não qualificou para tal

²¹ De jure: por lei; em conformidade com a lei.

serviço. A validade de todos os atos da igreja depende, e é determinada por sua conformidade com a regra da santa vontade e testamento de Cristo.

E como esses dons, graça e virtudes devem ser em algum bom grau visíveis naquele que é ordenado ancião, antes que o ofício seja comissionado a ele, então depois de sua ordenação cabe a ele perpetuamente esforçar-se por conceder uma prova mais abundante deles nele, por um aumento diário no exercício destes dons, graças e virtudes.

D. As Funções de um Ancião.

Entretanto, para continuar, em segundo lugar, os direitos relativos de um ancião e o povo devem ser considerados. O devido tratamento disso exigiria um tratado por si mesmo, mas não se pode esperar que eu discorresse largamente sobre particularidades, nem mesmo que eu cite muitas coisas que não pertencem a isso propriamente. Tudo o que eu posso fazer é brevemente falar sobre algumas coisas de natureza geral e abrangente, com um pouco de aplicação do que pode ser particularmente oportuno neste momento.

Primeiro, falaremos sobre o dever de um ancião em sua posição, o qual é tanto mais público ou mais privado; pois em ambos estes aspectos ele está sob um vínculo do dever a Cristo, e às almas dos membros daquela igreja em que ele ministra.

1. Os Deveres Públicos.

Nós começaremos com aqueles deveres que devem ser cumpridos por ele mais publica-mente. E estes são:

a. Entre Deus e o povo.

a. O pastor se destaca como uma pessoa intermediária entre Deus e o povo. O pastor permanece em alguns aspectos, e age em algumas coisas, como uma pessoa intermediária entre Deus e o povo. Não me compreenda mal, ele não deve ser um mediador entre Deus e a Igreja, ou em seu próprio interesse, para se interpor entre Deus e as pessoas, pois, para tal ofício e serviço à igreja nenhum homem na terra, nem santo ou anjo no Céu é capaz; esta glória pertence a Cristo somente. Como há um só Deus, assim também há apenas “um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1 Timóteo 2:5). Mas em dois aspectos, um ministro se interpõe entre Deus e as pessoas:

1) Orações públicas.

Ele deve ser a boca do povo a Deus, e ir adiante deles no exercício daqueles dons e graças que Cristo lhe concedeu, ao fazer e derramar as orações públicas da Igreja ao Altíssimo. E por alguns isso é considerado como sendo o sentido especial daquele dito dos apóstolos em Atos 6:4: “Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra”. Eles parecem igualmente estimar ambos (ou seja, a oração e o ministério da Palavra) como

o cargo público de seu ofício na igreja; e não há dúvida, mas o que é aqui mencionado continua a ser o dever dos ministros ordinários em sua posição, tanto quanto era o dos apóstolos. E a Escritura não conhece outra disposição para a execução ordenada e benéfica deste serviço na igreja, do que o que Cristo fez por capacitar pessoas com esses dons, e com tal unção do Espírito Santo, de forma a permitir-lhes liderar seus irmãos nisso. Seria muito triste ter as almas dos homens confiadas ao cuidado de homens que não são tão familiarizados com, ou insensíveis às suas preocupações espirituais, a ponto de, em nenhum grau, estarem bem preparados com esta porção do seu labor: ser a boca do povo no que diz respeito ao derramar das suas solenes orações públicas a Deus.

2) Pregação.

Semelhantemente, ele deve ser a boca de Deus ao povo; entregar a mensagem de Deus e falar a eles em Seu Nome, é eminentemente o trabalho e negócio de um pastor: “pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina” (Timóteo 4:2). Eles são ministros do Novo Testamento e embaixadores de Deus aos homens, os quais devem dispensar os mistérios de Deus à Sua Igreja, e eles devem exercer toda a diligência nisso, sendo diligentes para apresentarem-se como obreiros aprovados que não têm do que se envergonhar, que manejam bem a Palavra da Verdade (2 Timóteo 2:15). E vergonha será para aquele que empreende esse ofício e não prega o Evangelho, que é o genuíno leite e alimento espiritual com que as almas de seu rebanho continuamente devem ser alimentadas. Este dever é tão seriamente pressionado em todas as ocasiões em que essas coisas são tratadas nas Escrituras que não há necessidade de quaisquer outros argumentos para aplicá-lo, senão os que são óbvios aos olhos de todos que leem as Escrituras. Não merece o nome de um ministro, pastor ou bispo aquele que não se esforça nisso.

Não deve-se (eu suponho) ser esperado que eu deveria aqui estabelecer regras para a pregação, ou entrar em um discurso sobre o método de estudos teológicos para ordená-lo. Apenas deixa-me, neste momento, recomendar três coisas para aqueles que estão sob tão rigoroso e solene encargo de pregar o Evangelho.

a) Seja cuidadoso ao lidar com as almas e consciências dos homens, como sabendo que é pela salvação das almas que você está trabalhando, a cura das almas está confiada a você, e você terá que fazer uma prestação de contas, por elas, a Deus. Não é o seu negócio satisfazer a coceira dos ouvidos ou os desejos carnis dos homens, mas falar aos seus corações, e “assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade” (2 Coríntios 4:2). Seja diligente em uma consistente explicação dos princípios da Religião, e em uma recomendação judiciosa à prática deles, de modo que a piedade sincera e o poder da

santidade possam ser promovidos por seu ministério. Pressione os homens a respeito de seus deveres específicos em cada relação e capacidade: avise-os sobre as sutilezas de Satanás, repreenda os erros e as desordens dos que se desviam, conforte os aflitos e quebrantados de coração — e nestas coisas, não deixe nenhum zelo, diligência, ousadia, vigor ou labor deixarem a desejar.

b) Para que isso possa ser feito, certifique-se de que você fala “segundo as palavras de Deus” (1 Pedro 4:11), e pregue ao povo a doutrina que é retirada da pura fonte da Palavra de Deus. Nada menos do que a evidência da autoridade Divina é que irá operar sobre a alma, e conduzir a consciência de um homem, seja por meio de conforto, exortação ou reprovação — é o carimbo do Céu sobre as coisas pregadas por você que as tornará poderosas. Deixe, portanto, ser seu principal cuidado pregar claramente para expor as Es-crituras, e pertinente para aplicá-las, para que seus ouvintes possam formar esta convicção de seus sermões, a saber, que você “tem a mente de Cristo” (1 Coríntios 2:16). Não é suficiente que as coisas que você fala sejam verdade, mas você deve manifestá-las por meio de provas fortes e convincentes. Busque conscientemente passar, no que depender de você, o próprio sentido pretendido pelo Espírito Santo acerca das Escrituras nas quais você está pregando; e não enfraqueça as excelentes verdades por extraí-las distorcida-mente a partir de textos que pretendem outra coisa. A Palavra de Deus é sagrada e deve ser tratada com todo o respeito e reverência piedosa. As coisas Divinas não admitirão nenhuma frivolidade.

c) Lembre-se de que o dever requerido por sua posição não é pregar a você mesmo, mas ao Senhor Jesus Cristo (2 Coríntios 4:5). A glória do Senhor Jesus Cristo deve ser o objetivo de todos os seus trabalhos, e a Sua graça o principal assunto de todos os seus discursos. Não é um discurso filosófico que salvará as almas dos homens, mas a pregação de Cristo crucificado. Seu Evangelho é “o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16); e Seu Santo Nome é o unguento que perfuma todos os exercícios da piedade. Portanto, não vou dizer apenas, que haja *Aliquid Christi*, algo de Cristo, em cada sermão, mas deixe Cristo ser o começo, meio e fim de seus discursos, pois nEle “estão es-condidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Colossenses 2:3); nEle está a fonte e o manancial de todo verdadeiro consolo e santidade.

b. É seu dever administrar as Ordenanças.

À obra pública que constitui o encargo de um bispo ou presbítero pertence também a administração dos sacramentos²², ou Ordenanças de

²² Sacramentos: curiosamente aqui Nehemiah Coxe usa o termo “sacramentos”, para se referir ao Batismo dos Crentes e à Ceia do Senhor, ele provavelmente usou este termo para deixar claro o que ele próprio entendia por “sacramento”, a saber: “Ordenanças de instituição positiva na igreja, tais como o Batismo e a Ceia do Senhor” (Veja também a CFB 28:1).

Afinal de contas, para um Batista Confessional, o Batismo dos Crentes e a Ceia do Senhor, são Ordenanças ou Sacramentos?

Nós, Cristãos Batistas Particulares Confessionais, definitivamente evitamos usar a palavra sacramento, tanto é assim que esta palavra sequer aparece em nossas Confissões de Fé de 1644 e 1689 (vale lembrar que Nehemiah Coxe foi um dos editores da Confissão de 1689). A verdadeira posição Batista Confessional é que tanto o Batismo como a Ceia do Senhor são “Ordenanças de positiva e soberana instituição, nomeados pelo Senhor Jesus, o único Legislador, para serem continuadas em Sua igreja até o fim do mundo (1 Mateus 28:19-20; 1 Coríntios 11:26)” — CFB 28:1. O Batismo e a Ceia do Senhor são “ordenanças”, e não “sacramentos”, sobre isto William R. Downing comenta:

Uma ordenança é uma diretriz ou comando de natureza autoritária (Lat. *ordo*, colocar em ordem, decretar, estabelecer). Um sacramento é um meio de graça através de um determinado elemento, por exemplo, o Batismo ou Comunhão (Grego: *μυστηριον*, mistério; Latim: *sacramentum*, segredo, sacer, sagrado). A observância do Batismo e da Ceia do Senhor são ordens de nosso Senhor (Mateus 28:20), e não elementos físicos, através dos quais a graça é secreta ou misteriosamente comunicada. A “mentalidade sacramental” Protestante foi herdada da noção Romana de regeneração batismal e Missa. A Transubstanciação Romanista é em dada extensão revivida na consubstanciação Luterana e presente em um determinado grau na ideia Reformada de sacramento, que postula algo misterioso e além dos elementos físicos (W. R. Downing. Batismo de Crentes Por Imersão: Um Distintivo Neotestamentário e Batista. Nota de rodapé. p. 3.).

Finalmente, para responder à pergunta formulada acima, analisemos uma pergunta contida igualmente em três grandes Catecismos Batistas Particulares e Confessionais: Catecismo Batista de William Collins e Benjamin Keach (1693 — Pergunta 98), Catecismo Batista (Charleston Association, 1813 — Pergunta 96), Catecismo Puritano compilado por C. H. Spurgeon (1855 — Pergunta 74):

Pergunta: Como o Batismo e a Ceia do Senhor se tornam úteis espiritualmente?

Resposta: O Batismo e a Ceia do Senhor se tornam úteis espiritualmente, não por alguma virtude em si mesmos, ou naqueles que os administram (1 Coríntios 3:7; 1 Pedro 3:21), mas somente pela bênção de Cristo (1 Coríntios 3:6), e pela obra do Espírito naqueles que os recebem pela fé (1 Coríntios 12:13).>>

<< Podemos afirmar com plena convicção que esta acima é a posição Histórica e Confessional dos Batistas Particulares. Nela vemos que “O Batismo e a Ceia do Senhor” não possuem “virtude em si mesmos” isso nega o sacramentalismo latente na expressão latina “*ex opere operato*”, cunhada por Agostinho de Hipona para combater os Donatistas. Os Batistas Particulares negam também a posição dos Donatistas (i.e., que a utilidade ou eficácia das Ordenanças depende da dignidade do administrador), ao confessarem que: “O Batismo e a Ceia do Senhor se tornam úteis espiritualmente, não por alguma virtude... naqueles que os administram”. Então, por meio de que se tornam úteis espiritualmente? “Pela bênção de Cristo (1 Coríntios 3:6), e pela obra do Espírito naqueles que os recebem pela fé (1 Coríntios 12:13)”.

A expressão bíblica e confessional “naqueles que os recebem pela fé” obviamente exclui da participação nas Ordenanças aqueles que não creem, inclusive os infantes. “É lícito, se crês de todo o coração... Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (Atos 8:37). É uma incoerência gritante admitir infantes ao Batismo e em segui-da negar-lhes a Ceia do Senhor, pois na Bíblia não há nenhum registro de “batizado não comungante”. Batizar infantes alegando que não podem crer e por isso estão isentos do mandamento da fé, e em seguida, e de forma contraditória, negar a Ceia do Senhor a estes mesmos infantes “batizados” alegando que não podem autoexaminarem-se, discernirem o corpo e o sangue de Cristo, etc. Se a incapacidade de “crer” autoriza o batismo, porque a incapacidade de “discernir” não autoriza o cear? A resposta é clara como o sol: dois pesos, duas medidas. Isto é claramente uma invenção de homens, arraigada pela poderosíssima Tradição.

Por tudo que foi claramente exposto acima, vemos que os Pais Batistas Confessionais viam o Batismo e a Ceia do Senhor não somente como Ordenanças simbólicas, mas, sim também

instituição positiva na igreja, tais como o Batismo e a Ceia do Senhor. Àqueles pertence à dispensação destes mistérios de Deus que estão confiados a eles, e esta alimentação das ovelhas de Cristo é exigida deles.

c. É seu dever exercer a disciplina na igreja.

É seu dever cuidar do devido exercício da disciplina na igreja, e a ordenar corretamente todas as coisas que pertencem ao governo da mesma. Ele é o superintendente da casa de Deus e deve governá-la corretamente, não de uma maneira despótica ou senhorial (1 Pedro 5:3), mas pelo testemunho de Cristo — como sendo um ministro que foi encarregado da herança do Senhor, a qual é um povo voluntário, que deve ser regido não com força e rigor, mas com seu próprio consentimento. Todos os irmãos têm uma participação na gestão dos assuntos da igreja, na admissão e expulsão de membros; no entanto, esta não nega um encargo peculiar do ancião nestas coisas, e uma negligência da sua devida administração vai ser especialmente cobrada dele se for achado culpado neste assunto. E nestas coisas, grande prudência, sensibilidade, diligência e imparcialidade são exigidas dele. É uma ques-tão de grande importância que as portas da casa do Senhor, as suas saídas e suas entra-das, sejam bem vigiadas. Se os membros não são recebidos com a devida cautela, o nosso número pode ser aumentado, mas não a nossa alegria; e se alguém por expulso precipita-damente e sem motivos justos, o escândalo e a inconveniência serão enormes.

E em todas estas coisas, um ancião deve esforçar-se por comportar-se de tal maneira que, em todo o curso do seu ministério, haja uma mui viva apresentação do amor, cuidado, sabe-doria, compaixão, fidelidade e paciência do Senhor Jesus Cristo, a Quem ele serve.

2. Os Deveres Privados.

Eu não direi mais nada sobre as funções que são incumbidas a um pastor em relação ao exercício público do seu ministério, mas, no próximo ponto, também existem deveres de grande importância para as almas dos homens nos quais um presbítero é obrigado a atentar diligentemente à sua prática de forma uma forma mais *privada* e particular. Ele é obrigado a uma manter constante vigilância por e sobre o seu povo, e deve diligentemente perguntar e examinar o estado do seu rebanho, para que aqueles que estão

como *meios de graça* que “se tornam úteis espiritualmente”, não pelos próprios elementos em si e nem pela dignidade daquele que as administra, mas “Pela bênção de Cristo (1 Coríntios 3:6), e pela obra do Espírito naqueles que os recebem pela fé (1 Coríntios 12:13)”. Esta é incontestavelmente a posição de Nehemiah Coxé e a posição Batista Particular Confessional e Histórica.

Esta nota não foi feita principalmente com o propósito de depreciar a fé daqueles que não creem como nós, mas para deixar clara qual é a nossa posição, e para dar testemunho de nossa Fé no que seja o puro ensino das Escrituras Sagradas sobre o assunto em questão — Nota EC (William).

em perigo de errar por falta de conselho possam ser orientados; o rebelde alertado e repreendido; a alma fraca e abatida fortalecida, confortada e encorajada; e aqueles que estão sujeitos a dificuldades e tentações, socorridos e aliviados. Com uma diligência incansável nestas coisas Paulo enco-raja os presbíteros da igreja em Éfeso por meio de seu próprio exemplo: “Vocês sabem”, diz ele, “como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente e pelas casas” (ver Atos 20:20). O mesmo aconteceu em relação aos de Tessalônica: “Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, e justa, e irrepreensivelmente nos houveis para convos-co, os que crestes. Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos e testemunhávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos; para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o seu reino e glória” (1 Tessalonicenses 2:10-12). E, novamente: “A quem anunciamos [Cristo], admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria [isto é, por uma adequada aplicação de coisas para eles de acordo com suas várias circunstâncias e condições]; para que apre-sentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combaten-do segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente” (Colossenses 1:28-29). E todas estas dores devem ser aliviadas por um santo exemplo; pois, se um ministro não vive sobre a instrução que ele dá aos outros e não demonstrar ser uma luz que arde e ilumina em sua vida e conversação, bem como na doutrina, seus maus modos irão causar mais prejuízo do que todo o bem que suas palavras possam fazer. Exemplos têm uma maior in-fluência sobre os homens. *Verba docente, exempla trahunt*²³. Por isso é que é tão frequente repetidamente cobrado que eles sejam exemplo para o rebanho em todas as coisas (1 Pe-dro 5:3).

Acrescentarei mais uma ou duas palavras de incentivo e encorajamento para um pastor em relação à realização de seu dever, e, em seguida, passarei a discorrer sobre o que ainda resta.

IV. O Dever de Um Pastor para com Seu Povo.

O que eu pretendo agora, resumirei em dois pontos: considere pela autoridade de Quem você deve agir como representante, e [considere] a quem você serve.

²³ *Verba docente, exempla trahunt* (Latim): Palavras instruem, exemplos lideram.

A. Um Ministro de Cristo ao Povo.

Você é um ministro de Cristo, e não alguém de nomeação humana. É pelo Espírito Santo que você foi feito um presbítero, portanto, preste atente para si mesmo e para o rebanho de Deus (Atos 20:28). Um argumento semelhante ou motivo é incluído em Colossenses 4:17: “E dissei a Arquipo: Atenta para o ministério que recebeste no Senhor, para que o cumpras”. Pois receber um ministério no Senhor é ser empregado em um serviço por Cristo e pela Sua ordem e autoridade. Agora, a partir dessas coisas (e outros como eles) podemos concluir:

A. Que há uma dignidade real e *proveitosa* no ofício que você deve administrar. “Se alguém deseja o episcopado [diz o nosso apóstolo], excelente obra deseja” (1 Timóteo 3:1). É um ofício que um homem deve trabalhar, mas o seu trabalho é uma “excelente obra”, ou seja, aquilo que é nobre, bem como útil, como a palavra significa καλός; e você sabe *difficilia que pulchra* (empregos honoráveis não são desprovidos de fardo). Os homens podem desprezar essa função, mas não deixe que isso o desanime. Cristo a honrou, e deixe que o senso de dever e gratidão a Ele sustenha você acima de todos os desânimos, o encoraje a desempenhar fielmente aquilo que lhe foi confiado e isto, com santa ousadia e firmeza de espírito.

B. Se você tiver recebido o seu ofício de Cristo, você deverá ser *responsável* para com Ele para executá-lo; o mordomo um dia prestará contas ao seu Senhor, e três vezes feliz é aquele a quem Cristo dirá no dia do acerto de contas: “Bem está, servo bom e fiel... entra no gozo do teu senhor” (Mateus 25:21). Não há nada que tenda mais a nos envolver com toda a diligência e fidelidade em nosso chamado, do que uma reflexão profunda e fixa de que solene prestação de contas que será exigida de nós, no reino e aparecimento do sumo Pastor.

C. Aqueles que Cristo emprega em Seu trabalho podem esperar Sua presença e *assistência* graciosa em todas as dificuldades que a acompanham. Para isso temos a Sua palavra: “Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20). Em outras palavras, embora você possa ser perseguido, você nunca será abandonado por Mim; e, embora sua carga, amiúde, possa pressioná-lo com um grande peso, contudo, minha força será aperfeiçoada em sua fraqueza, e minha graça será bastará para você (2 Coríntios 12:9). É da graça e da assistência de Cristo que um ministro deve depender e esperar ter êxito em seus trabalhos a partir das mesmas. E estando firmado em tal expectativa, que ele não seja abalado pela oposição de qualquer dificuldade ou oposição que possa vir a estar em seu caminho — pois todo o poder no Céu e na terra está nas mãos dAquele que o empregou.

D. Vendo ele está envolvido no serviço de Cristo, o *galardão* da fecundidade nisso é certo; Cristo não deixará de mostrar ser um generoso

Senhor e Mestre para aqueles que O ser-vem. Ninguém jamais foi, ou será, um perdedor por fazer a Sua obra. Este é o incentivo que Pedro estabelece diante dos anciãos da igreja, e exorta-os a colocarem nisto os seus corações: “E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória” (1 Pedro 5:4). E esta será uma compensação suficiente de por toda a tristeza e fadiga sofridas aqui. Olhe o quanto o seu trabalho tem sido maior do que outros — Deus o vestirá com os raios brilhantes de glória. Seus convertidos devem, então, ser sua coroa e sua alegria, quando você que verá que muitos refulgirão justiça como as estrelas, sempre e eternamente (Daniel 12:3).

B. O Cuidado e Encargo de Almas.

Considere que é o cuidado e encargo das almas que está confiado a você; e não as preocupações temporais desta vida, mas os assuntos da vida eterna são o negócio de sua mor-domia.

Agora uma alma é de mais valor do que o mundo inteiro, porque ela é imortal e feita para um estado eterno. A influência que o ministério da Palavra tem para o futuro estado de ho-mens fez Paulo dizer, como em um êxtase: “E para estas coisas quem é idôneo?” (2 Corín-tios 2:16). Estas são as almas dos homens as quais Deus julgou valer a pena a doação de Seu próprio Filho para a redenção delas, e Cristo não recusou derramar Seu precioso san-gue pelas mesmas²⁴. A igreja é uma sociedade de homens que Deus adquiriu para Si pelo preço de Seu próprio sangue, e agora a confiou ao seu cuidado, e te nomeou para prestar atenção às suas almas. Portanto, olhai por vós e pelo vosso rebanho — pois se qualquer deles perecer por se desviar para um mau caminho por causa da negligência de seu dever para com eles, então eles morrerão em seus pecados, mas Deus exigirá o seu sangue de sua mão (Ezequiel 3:18-20; 33:6-8).

V. O Dever das Pessoas em Relação aos seus Pastores.

Chegamos agora à última coisa que está diante de nós, ou seja, o dever das pessoas para com os seus pastores.

Pastores capazes e fiéis são uma grande bênção e frutos especiais do amor de Cristo à Sua Igreja, e Ele também espera e exige o aperfeiçoamento de um tão grande talento, e o alegre desempenho de seu dever para com os

²⁴ As Escrituras nos informam que o valor definido em Deus para com o Seu quanto à salvação deles foi baseado em Seu propósito eterno para salvá-los por causa de Seu amor, não baseado em qualquer valor inato que Ele tenha visto neles (Romanos 5:6-8, Efésios 2:8-10).

seus ministros, assim como Ele os encarrega estritamente a aplicarem-se com plenamente e com toda a fidelidade e diligência nas suas posições. Estou sob uma necessidade de trazer esta parte do meu discurso em um estreito compasso; e, portanto, devo fazer-lhe recomendações sobre essas quatro coisas.

A. Os Deveres da Congregação.

1. Você Deve ter Grande Amor para com seu Pastor por Causa do seu Trabalho.

Vocês devem ter para com o seu pastor grande amor, respeito e honra por causa do seu trabalho; e Deus requer que vocês façam o devido pagamento por isso. Sobre isto nosso apóstolo muitas vezes pressiona com grande seriedade, por exemplo: “E rogamo-vos, ir-mãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Ten-de paz entre vós” (1 Tessalonicenses 5:12,13). E, novamente: “Os presbíteros que gover-nam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina” (1 Timóteo 5:17). Se vocês têm um amigo verdadeiro no mundo, este é aquele que vela por suas almas, diz-lhe a verdade e labuta arduamente dia e noite para apresentar-lhe perfeito perante Deus. Não permitam que a sua fidelidade ao lhes admoestar cause uma redução de seu amor por ele; mas se vocês amam a sua própria salvação, tenham-no antes em grande estima. Nenhum homem sábio odiará o seu médico por este dar-lhe uma poção amarga quando sua vida é salva por ele; ou um cirurgião por executar nele uma operação dolorosa, quando a recuperação ou preservação de um membro de seu corpo depende dela. Aquele que traz a vocês as boas novas da salvação, e anuncia a paz, merece ter seus pés estimados como belos, e ser recebido com o amor e o respeito que é devido a uma mensagem tão boa de Seu Mensageiro. Cristo não suportará o desprezo de Seus enviados; portanto cuide para que você não O provoque por ver Seus mensageiros com desprezo, nem roube as suas próprias almas do benefício de seu minis-tério, por entreter más suposições ou preconceitos injustificados contra eles.

2. Você Deve Submissão a Eles no Desempenho das suas Funções.

Vocês devem submissão e obediência a eles no exercício das suas funções, e no exercício dessa regra e supervisão que Cristo comissionou a eles, para sua edificação: “Obedecei a vossos pastores, e sujeitai-vos a eles” (Hebreus 13:17). A obediência que o apóstolo exige aqui não é uma obediência cega, nem devemos supor que algo como um poder legislativo seja conferido aos oficiais da igreja, mas a sujeição a eles é ordenada na medida em que eles agem de acordo com seu ofício e com a lei e testamento de Jesus Cristo. Aqui é exigido até mesmo uma pronta obediência à Palavra de Deus dispensada por eles, e humilde submissão à sua justa reprovação e

correção ministerial quando tornadas necessárias por qualquer má conduta; e isto tanto no desempenho público ou privado que lhe foi confiado. Deus não exige que os homens arranquem seus próprios olhos, e escravizem-se para se-rem conduzidos pelos oficiais da igreja, sem o exercício da sua própria razão e julgamento, como acontece no Papado, onde o cego guia outros cegos até que ambos caem na cova (Lucas 6:39). Mas quando a lei de Cristo é observada, e de conformidade com ela algo é solicitado de acordo com a evidência e demonstração da verdade das Sagradas Escrituras, aqui a obediência do povo é justamente esperada. Aquele que pensa de si mesmo como sendo bom demais, ou muito sábio, para receber instruções ou submeter-se à reprovação de seu pastor dificilmente merece um lugar em qualquer congregação Cristã. “Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo” (Tiago 3:1). E, como é o dever de vocês receber a doutrina de Cristo pregada por eles com mansidão e temor, e com humildade submeterem-se à disciplina que eles exercem de acordo com a autoridade que receberam de Cristo, assim também deveis imitar seu santo exemplo: “Lem-brai-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver” (Hebreus 13:7). Sejam seus imitadores como eles são de Cristo (1 Coríntios 11:1); pois é dever deles serem exemplos para seus irmãos “na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza” (1 Timóteo 4:12), não menos do que isto deve ser o dever de seus irmãos subscreverem, copiarem e se conformarem com o seu exemplo em todas estas coisas. Porque, se o encargo deste ofício não for aperfeiçoado pela igreja para sua edificação e crescimento real na graça e santidade, o fim deste, quanto a eles, será completamente perdido.

3. Vocês Devem Orar Continuamente a Deus por Eles.

Vocês devem estar contínua e persistentemente em oração a Deus por eles (Romanos 12:12). Vocês sabem que o apóstolo Paulo muitas vezes pede que a igreja ore por ele; e se ele achava que o auxílio deles em oração era tão necessário, nós temos muito mais razão para pensarmos assim de nós mesmos. As tentações dos ministros são muitas; eles têm que enfrentar grandes dificuldades e desencorajamentos; e seu trabalho é tal que eles nunca podem desempenhar completamente seus chamados como deveriam, senão com a ajuda e assistência especiais do Espírito Santo. O sucesso de todos os seus labores depende da bênção Divina e da presença de Deus com eles; e nestas coisas, tanto a glória de Cristo, quanto o consolo e edificação de suas próprias almas estão grandemente envolvidos — este é um motivo suficiente para que vocês se conscientizem deste dever.

4. Vocês são Obrigados a Fornecer um Sustento Confortável para Eles.

Vocês são obrigados, de acordo com sua capacidade, a fornecer um sustento confortável e honroso para eles. “E o que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui. Não erreis: Deus não

se deixa escarnecer...” (Gálatas 6:6-7a). Estas palavras ordenam o sustento dos ministros, mas uma contribuição tão abundante a ponto de fazê-los participantes convosco “de todos os seus bens”. Se Deus abençoa a congregação com uma porção abundante de bens deste mundo, é seu dever fazer de seu ministro uma participante com eles em sua condição próspera. Considerando que o local e o em-prego ao qual ele desenvolve, seria extremamente indigno pensar que vocês têm feito o suficiente se [somente] suas necessidades prementes forem atendidas, enquanto vocês abundam em superfluidades. Se a congregação for pobre, seu ministro deve se contentar em ser pobre com eles, sim, regozije e aprove-se a si mesmo um ministro de Cristo pela fome e nudez, se a providência de Deus o chamar a estas coisas. Mas, enquanto está no poder em suas mãos fornecer o melhor para ele, Deus espera isso de vocês; e “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer”, nem Ele permitirá que Seus comandos sejam menospre-zados e rejeitados, sem repreender justamente o infrator, “porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas 6:7b).

a. Lembre-Se Das Obrigações Pastorais.

Agora, para que você entenda melhor o seu compromisso que está em causa neste dever, antes de prosseguirmos para instar-lhe ao desempenho destes deveres, deixe-me trazer-lhe à memória as obrigações do pastor.

1) Um ministro é obrigado a atender inteira e somente à sua vocação ministerial, e não se enredar nos negócios desta vida, para ele possa agradar a Deus que o chamou para esta guerra espiritual — e nada, senão uma real necessidade pode dispensar o contrário (2 Ti-móteo 2:1-7). Todo o seu tempo e força não é pouco suficiente para ser empregado na ativi-dade para o qual ele foi chamado; ele deve dedicar-se ao ministério da Palavra e à oração, e persistir na leitura, meditação, etc., como um homem totalmente devotado ao serviço do Evangelho serviço e, portanto, pelo fato de seu chamado ministerial o separar dos modos e meios de sustento para sua própria subsistência, devem os negócios e empregos seculares de outros fornecer-lhes o sustento; para que sua mente, pelos cuidados de negócios deste mundo, não possa ser desviada do estudo da Palavra de Deus e do cuidado das almas, cujos deveres lhe são requeridos devido à sua posição. E se ele não pode expor-se aos cuidados e preocupações que permeiam os negócios do mundo, embora tenha proveito disso, certamente não é de nenhuma maneira adequado que ele venha a ser exposto ao conflito com os cuidados espinhosos de uma condição necessitada, enquanto que aqueles a quem ele ministra dispõe de meios para evitar que isso aconteça.

2) Não é menos dever de um ministro do que de outros homens, sustentar a sua própria família, e (aqueles que fazem parte dela) cuidar de sua esposa e filhos, os quais não podem ser deixados expostos a mil misérias e tentações caso ele lhes falte. Confesso, de todos os homens do mundo, uma disposição gananciosa para acumular riquezas rapidamente é mais imprópria

para um ancião; mas nós nos confundimos muito se pensamos que ele deve abrir mão de um devido afeto de um marido para com sua esposa, ou de um pai para com seus filhos — ou que aqueles frutos disso, que são justamente estimados como recomendá-veis em outros, seja faltoso nele.

3) Um ancião ou bispo está sob um encargo especial de ser hospitaleiro, e fazer de si mes-mo um padrão de caridade e generosidade compassiva para com as pobres almas. E, se é o seu dever ser hospitaleiro e caridoso em um grau eminente, segue-se então, sem sombra de dúvidas, que as pessoas se esforçarão para que ele seja capaz de dar prova dessa graça nele pelo exercício disto quando houver ocasião.

b. Razões Pelas Quais a Congregação Está Obrigada a Desempenhar este Dever.

Essas coisas havendo sido pressupostas, vou mostrar-lhes que vocês se encontram sob a obrigação mais forte imaginável de desempenhar este dever.

1) Pela Lei Eterna da Natureza.

A lei e a luz da natureza obrigam vocês a desempenharem este dever, como uma questão de equidade e justiça. E daqui nosso apóstolo toma o seu primeiro fundamento: “Quem já-mais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta o gado e não se alimenta do leite do gado?” (1 Coríntios 9:7). O ministério é uma guerra, realizado sob o comando de Cristo, para o serviço das vossas almas; e é tão razoável que o ministro deva receber uma oferta das vossas coisas exteriores, quanto um solda-do fiel deva receber o seu salário de seu capitão custeado pela comunidade, pelo bem da qual ele milita. Pode um homem alimentar um rebanho (como um pastor faz), e ser impedido de beber o leite do rebanho pelo qual trabalha para guardar e alimentar? Ou é consistente com a justiça comum privar um homem do fruto da vinha que é plantada e cultivada por seu próprio trabalho? Tal é o caso em matéria de sustento entre um ministro e seu povo. Não é a sua caridade que eu pleiteio para ele, mas a justiça e a dívida. Ele é empregado em seu serviço, e por direito deve viver sendo suprido por vocês. Não, vocês o tem tirado de suas outras ocupações, e, portanto, o seu sustento é devido por vocês, como é o salário do seu empregado, embora temo que alguns dão mais aos menores empregados de sua casa, do que eles estão dispostos a dar para seu ministro. Certamente, se vocês escolherem como devem, os seus ministros não são dos mais humildes do povo, mas podem ser capacitados, e possuírem certo grau de prudência e habilidade para negociar com outros homens. Eles poderiam gerir os comerciantes ou se ocuparem em outros empregos, e obter bens materiais, assim como vocês, se eles não estivessem dedicados a um serviço mais nobre — e deve ele precisarem ser expostos à necessidades e miséria na mesma hora que eles entra-rem no ministério? Meus irmãos, isso não deve acontecer! Que os seus ministros tenham um bom tratamento, pelo menos,

conforme a lei previa aos bois: “Não atarás a boca ao boi, quando trilhar” (Deuteronômio 25:4). Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou será que não houve nenhum proposito superior por trás do mandado para que este direito da criatura bruta não fosse infringido? Certamente houve: “Ou não o diz certamente por nós? Certa-mente que por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com esperança e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante. Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnaís?” (1 Coríntios 9:10-11).

2) Por Ordem Expressa e Nomeação de Cristo.

O Senhor não nos deixou para argumentar sobre isso somente princípios gerais da razão e da equidade comum, antes — para colocar o assunto fora de discussão —, tem adicionado Seu mandamento expresso. Assim Ele proveu para Seus ministros no tempo da Lei, o que o apóstolo argumenta em seguida: “Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar, participam do altar?” (1 Coríntios 9:13). Deus tão logo separou os levitas para o serviço do Seu santuário proveu lei para o seu sustento. E, embora eles eram, apenas uma tribo dentre as outras doze, contudo a décima parte da produção de toda a terra foi dada a eles, além das primícias, ofertas e várias outras vantagens; de modo que sua porção poderia igualar, sim, superar à de seus irmãos. Esta lei está agora revogada, e nós não pretendemos ter direito sobre seus bens materiais; mas a equidade geral destes preceitos jamais pode cessar. Nem Cristo tem abandonado Seus ministros neste vasto mundo, mas também fez uma provisão para eles, de modo que a participação em Seu comando seguirá com aqueles que professam o Seu nome; pois, assim é dito: “Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho” (1 Coríntios 9:14). O trabalhador ainda é digno de seu salário, e não menos digno, porque ele trabalha no Evangelho. Embora, de fato, se os homens totalmente realizam o seu dever, ainda assim a acusação de adoração evangélica parece muito desconsiderável quando comparada com a da Lei; pois, se este fosse o meu negócio, eu acho que eu poderia demonstrar que a quinta parte de suas propriedades era anual deveria ser gasta em coisas relacionadas com o serviço do Templo. E se somos sensíveis em relação ao grande privilégio e bênção do Evangelho, sobre o reputarmos como algo mais elevado do que simplesmente o caso daqueles encargos, nós nunca estimaremos como muitos os custos moderados de um ministério evangélico, de tal maneira que possam dar uma reputação à nossa expressão de fé em Cristo.

3) Por Conta do Grande e Manifesto Mal e Inconveniência Que Segue a Negligência dos Mesmos.

Vocês podem prevenir o mal e a inconveniência que segue a negligência desse dever que lhe diz respeito, por praticá-lo alegremente. Eu poderia ter dito “males e inconveniências”, como falando de muitos, pois há muitos, e

isto é facilmente observado por um olho livre de preconceitos. Mas é ao desencorajamento ao estudo que, neste momento, eu principalmente viso. Que esses estudos necessariamente serão desencorajados (me refiro ao estudo da teologia) pela negligência do povo para fazer uma provisão confortável para seus ministros é demasiado evidente para que alguma prova seja requerida. Quem vai aplicar-se a reunir continuamente a grande quantidade de conhecimento que é necessária para um ministro, quando ele pode esperar, por agir assim, não adquirir outra coisa para si mesmo senão pobreza e aflição? Ou como um ministro pode ser capaz de suprir-se com o conhecimento universal das coisas relativas ao seu trabalho, se ele não tem meios de prover a sua própria informação, ou nenhum tempo livre de preocupações e ocupações mundanas? E a desvan-tagem disto será compartilhada com as pessoas para as quais ele ministra. Aquele que considera que as Sagradas Escrituras são escritas originalmente em Hebraico e Grego deve ter uma cabeça dura caso negue a utilidade deste conhecimento a um ministro. Além disso, há muitas outras coisas que exigem [conhecimento], em referência à exposição das Escrituras, as quais eu não posso agora insistir. E não é sem um estudo diligente e contínuo que as coisas profundas de Deus podem ser trazidas à luz e assim propostas a vocês, para que suas mentes sejam enriquecidas com um conhecimento claro e sólido daquelas.

Eu confesso, um pequeno conhecimento, e falta de estudo, poderá produzir um homem com um tal discurso capaz de agradar a algumas pessoas fracas que julgam um sermão pela intensidade da voz e pela afetuosidade das frases, ou imagina que pode alimentar a si mesmos as cinzas do tilintar das palavras e a cadência dos termos de um discurso. Mas, infelizmente! O aparente calor da afeição que é agitado por esses meios é como uma curta inundação de terras que não tem manancial para alimentá-la. Aquele que deseja fazer com que as almas das boas pessoas de seu povo o aprovelem como um pastor segundo o coração de Deus, deve alimentá-los com o conhecimento e o entendimento, e se esforçar para man-ter constantes zelo e carinho por bem informar os seus juízos e por expor-lhes a mente de Deus nas Escrituras para que estas possam guiar suas consciências. E isso não pode ser esperado senão à medida que trabalha em seus estudos, bem como em seu púlpito. Não estou me confundido! Eu sei que o bom êxito e os frutos de todos os estudos e trabalhos daquele que prega o Evangelho provêm da graça e do poder do Espírito Santo, entretanto a assistência do Espírito não deve ser esperada a menos que estejamos andando no caminho do dever.

B. Como a Congregação pode Incentivar o Pastor.

Estas coisas ainda podem ser mais aplicáveis ao meu presente propósito, mas talvez alguns vão pensar que muito já foi dito (embora eu sinceramente

desejo não me alongar mais do que o necessário) e meu tempo me chama para colocar um ponto final a este exercício. Portanto, eu apenas adicionarei mais algumas palavras para a execução deste e dos de-mais deveres que expus diante de vocês, acomodando as mesmas coisas para vocês que foram tocados anteriormente, para que vocês incentivem e animem o seu pastor em seu dever.

1. Em primeiro lugar, lembre-se de que seu pastor é o ministro de Cristo, que dispensa os mistérios de Deus para você em Seu Nome; e, portanto, quando o ministro está agindo em sua posição, de acordo com o seu dever, o Senhor Jesus reputa como Ele mesmo tendo feito aquilo por Seu ministro — pois Jesus disse: “Quem vos ouve a vós, a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós, a mim me rejeita; e quem a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (Lucas 10:16). Se o nome e autoridade de Cristo geram temor em vocês, ou Seu incomparável e indescritível amor influencia vocês, não há falta de motivos para que vocês sejam achados no desempenho dessas funções que foram pressionadas sobre vocês. Se vocês reconhecem que um respeito religioso e reverência são devidos ao Filho de Deus, exerça-os em humilde obediência à Sua Palavra. Se você O ama, e valoriza Seu Evangelho, não trate seus ministros de uma maneira indigna. Não te esqueças que Aquele que deu a Sua vida em resgate por ti, bem merece um retorno do teu maior amor, e ser honrado por ti, não só com palavras boas, mas com os teus bens materiais e com as primícias de toda a tua renda.

2. Em segundo lugar, é no negócio da vossa salvação, e no cuidado com as vossas almas preciosas e imortais, que um ministro está empenhado; e, portanto, é muito mais do que seu próprio interesse do que do dele que você execute o seu dever conscientemente. Com este argumento o apóstolo reforça sua exortação: “Lembra-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver” (Hebreus 13:17). O ministério nunca pode ser eficaz para a salvação das vossas almas, se vocês não forem sinceros em sua obediência a ele²⁵. E vocês serão menos cuidadosos com as vossas almas, e com seu bem-estar eterno, do que vocês são com os seus corpos e com os confortos desta vida temporal? Você pode se contentar em empregar sua força e bens materiais para prover para estes, e negligenciar aqueles outros?

É triste considerar quantos há entre aqueles que professam a fé em Cristo que vivem neste mundo como se não houvesse nenhuma verdade na prestação de contas que está por vir, e têm a mais vil das estimas pelos meios mais necessários para a salvação, ou seja, a Palavra, as Ordenanças de Cristo e um ministério Evangélico. Há muitos que, além de uma provisão para as

²⁵ Não que a salvação seja pelas obras, contudo a realidade da nossa salvação, a qual é somente pela graça, é evidenciada pelas boas obras (Efésios 2:8-10).

primeiras necessidades podem gastar talvez cem pounds²⁶ anualmente, mais ou menos, para a conveniência, ornamento ou deleite de uma carcaça, mas, que, com má vontade darão metade disto aos pobres ou para o apoio da adoração evangélica. Se seus corpos adoecem, eles não pensam que cinco, dez, ou vinte libras sejam demais para o pagamento de um médico, em recompensa de sua habilidade e de seu cuidado para com eles; e ao mesmo tempo eles podem escassamente pagar metade disto àquele que continuamente estuda e vela para promover a cura e salvação de suas almas doentes. Mas, quando os homens vierem a tornar-se completamente conscientes de que a eternidade não é ficção, e que o Evangelho é o único meio de escapar da ira vindoura e herdar a glória eterna, eles mudarão os seus procedimentos em relação a essas coisas.

VI. Conclusão.

Nós contemplamos algo daquelas graciosas provisões que Cristo, em Sua sabedoria e fidelidade fez por Sua igreja, na nomeação de diáconos para o refrigério das entranhas dos pobres, e de pastores para a orientação e nutrição de suas almas para a vida eterna. Ouvimos também algo dos deveres que Ele espera tanto em relação aos oficiais como quanto aos membros de Sua Igreja até o fim do mundo. O que resta agora, senão que todos nós em nossas devidas posições nos conscientizemos em viver em obediência a Seus mandamentos (pois, se sabemos estas coisas, bem-aventurados somos, se as praticarmos — João 13:17), e na prática reconhecermos Seu amor e fidelidade com uma admiração constante de Sua graça, e o retorno de louvores são a Ele por todos estes frutos dela? Que você pos-sa fazer estas coisas, que “o Deus de paz, que pelo sangue da aliança eterna tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agra-dável por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém” (Hebreus 13:20-21).

Sola Scriptura! Soli Deo Gloria!

²⁶ Pound: Unidade monetária Inglesa. Cem pounds no final do ano de 1600 equivalia a cerca de £12.200,00 no dinheiro de hoje, se usarmos o índice de preços comerciais. Isso é equivalente a \$19.500 dólares americanos, e aproximadamente R\$ 77.000,00.